

CATEGORIA: *Prosa*

3ª menção honrosa

DA CARNE LUTUOSA, O TEMPO  
das palavras mudas

Natália Maria Oliveira Reis

Quando íamos para a santa terrinha, algo em mim se revoltava e um nó, quase cego, prendia-se com força à minha garganta, querendo impedir-me de falar. E impediria, se não fosse isso impossível. De nada servia implorar que me deixassem sossegado. E de todas as vezes sabia que, ao chegar, a minha avó contar-me-ia pela centésima vez a história do acidente que quase a matou e se o não fez foi só porque o céu não estava a aceitar ninguém nesse momento. O meu avô responderia irritado que não. Ele diria que se ela não foi ceifada nesse dia foi porque o Inferno estava cheio e a conversa acabaria numa acesa discussão.

Mas a minha avó já não está entre os vivos em forma humana, não existe em carne, ossos, cabelos, unhas e olhos e do meu avô resta agora apenas o silêncio. O caixão é pesado e não acredito que ao meu lado, à frente e atrás sigam outros que o carregam para além de mim. Os meus avós tiveram filhos e os filhos deles outros filhos tiveram, embora não muitos, mas filhos. E hoje, estamos todos aqui reunidos pela segunda vez desde sempre, da primeira ainda me lembro mesmo que no enterro não tenha ajudado, lembro-me. De ouvir vai dar um beijo à tua avó e senti-la distante apesar de o seu frio me inundar a pele. E tudo o que não faz parte dela.

O meu pai foi enterrado hoje no jazigo da família. Estivemos todos no mesmo lugar e à mesma hora nesse mesmo lugar para prestar-lhe uma última homenagem. Não sei de que forma estamos a homenagear alguém que já não vê ou ouve ou sente e estará sob camadas e camadas de terra daí a horas que se prolongarão pela eternidade. Mas estivemos lá. Os filhos dos meus pais e deles os seus filhos que filhos terão também um dia. O meu mais novo não quis beijar o avô mas ajudou a carregar o caixão. Os filhos dos meus pais que já não existem senão no que nos deixaram, os filhos dos filhos dos meus pais que não existem por vezes quando nada deixam.

Pergunto-me. Terá o meu mais novo sentido o peso da morte e por isso chorado ou soprou-lhe ao ouvido a saudade, em segredo. Espero, pai, que não grites com a mãe quando a vires, se é que vês, pois sempre disseste que

estariam separados pelo mundo. Mas se a vires, diz-lhe. Que o neto não tem já entalado um enjoo quando me segue até onde nos criámos.

Penso que não deveria pensar nisso enquanto estou aqui, agora. Acontece-me às vezes pensar naquilo que não devo e sinto-me culpada. Estar diante do meu avô morto deveria entristecer-me e fazer-me pensar apenas nisso e no entanto. Vejo-te só a ti. É preciso que também me vejas. Ontem fizeste-me chorar por dentro. Porque te vi tão inteiramente e soube, tenho medo ainda, soube o quanto somos frágeis e iguais. É preciso que vejas. Pensa no que sentirá um corpo que se perde, em que se torna a carne e o esqueleto. Vejo as entranhas das pessoas e não é nojo que sinto. Sinto. Uma imensa calma por saber que todos são feitos do que me constitui e todos nos reduziremos ao mesmo no fim. Fim de qualquer coisa. E ao ver-te na totalidade, penso, o que sinto que posso pensar, embora pense só no que sinto como quem só sente e não sabe pensá-lo.

Vejo-te por dentro e por fora e tudo em mim se agrega numa intensa inspiração animal. Quero possuir-te. E quando me surge a visão de ti deitado na rigidez da morte, como este velho corpo ainda não degradado que olho sem ver, agora, quando me surge essa visão de ti, eu fecho-me no cair das pálpebras e prendo o ar contra a pressão que no meu peito me devora.

Desce. Finalmente desce. O frio.

Se a minha mãe estivesse viva espantar-se-ia com a revolta dos dias. É quase Inverno e o calor tem-nos envolvido sem cessar. Se estivesse viva, a minha mãe, talvez o meu pai não dormisse agora meio inchado de morte, meio vazio de vida. Talvez estivesse ainda direito, no seu posto dilecto, olhando todos do alto da sua sapiência frágil. E ficaria perplexo diante da revolta dos dias que se invertem.

Não sei se é culpa das paredes marmóreas ou do piso que se afunda, mas hoje faz frio. O mais novo do meu irmão mais velho está crescido e a minha única filha chora a morte do avô sem pensá-lo, o olhar distante. Talvez chore uma outra falta que não esta. Temos tantas sempre, tantas. Mais ainda

quando amamos sem medida e exacerbadamente queremos. Um corpo a mais que o nosso. Censuro-a porque a invejo. Nunca pude achar-me porque nunca me perdi. No mundo de quem quer que fosse.

Vou beijar o meu pai, pai que nunca tive, abraçar ao de leve os meus irmãos que não conheço, dar a mão à filha única que tenho. Não sei se tenho. Reunimo-nos então, durante todo o tempo em que existimos, tão poucas vezes que me esqueço das caras e dos nomes que hoje se debruçam sobre mais um fim. Talvez os nossos rostos não possam ser vistos, talvez sejamos ninguém.

Não te deixarei recordação alguma. Sei que jamais me poderás esquecer. Não te deixarei pulseiras como aquelas que oferecia aos amiguinhos da primária antes das férias, nem fotos quadradas, nem cheiros em frasco. Não poderei deixar-te marcas exteriores de mim em ti. Sei que te ardo, inflamo, sei que te acho quando encontrar-te não quero. Finjo que não temo a minha morte e faço disso uma verdade nossa. Temo-nos, meu esposo, até que o invencível ribombar do sopro terminal nos sugue a carne e mais ainda. Vê. O meu pai está morto e eu não sei o que é morrer. A minha mãe morreu sem que eu soubesse o que é morrer. O nosso filho morreu antes que eu pudesse perceber em que consiste estar morto, não sendo isso o simples contrário de estar vivo. Porque não o é. Receio estar a apertar-te em demasia. Espremo violenta a tua mão escaldante. Não choro nem tremo nem soluço. Não há em mim mais ponta de água. Cobre-me de líquidos teus neste momento. Para que quando voltemos eu tenha sufocado já.

O meu irmão mais velho está triste. O mais novo dele ajudou agora a pegar no caixão. A minha irmã, a mais nova dos quatro, está triste e só, pois não tem mão que possa colar à sua. Visse a minha mãe que é divorciada e espernearia de desgosto. A minha mãe que teve quatro filhos. Com o meu pai que quatro filhos teve. Netos são seis. Sete eram antes da noite que veio eruptiva. E como lava, na garganta me escorre a raiva viscosa que não solidifica.

Conheço a tua dor porque a sinto. Ela incendeia-me a palma da mão e o peito e as costas.

Tive uma vez uma mulher de que gostei mas não amava ainda. Quando a deixei, deixei-lhe a boca em brasa e réplicas de um tremor que a fustigava. Hoje lembro-me dela porque há que lembrá-la.

Na esperança de me demover, quis dar-me a certeza de que a teria em tudo o que quisesse dar a uma outra. Deixou-me palavras que esqueci numa gaveta, roupas que cortei à faca da indiferença. Vê. É certo que me lembro dela. Mas se lembro é porque em algum momento a não tive presente. Como te tenho a ti. E nem que todos os tormentos me esmagassem e não mais homem eu fosse, nem que me sorvessem cada gesto, eu poderia não fazer amor contigo como um louco. Mulher, és-me a vida que se não acaba nunca e sei. Por tudo o que chorei nos ombros que moldaram em ti. Sofres. Sofri assim o nosso filho mas não tive pais. E sofro. Aqueles que por serem teus tomei no meu abraço de menino perdido.

Não poderei lembrar-me de ti, largar-te a mão. Pois estás e estarás sempre comigo.

Irmã. Irmão. Irmã. Eu, irmão. Não é esta a ordem de nascença que nos impuseram. Não é esta a ordem de nascença que escreveu o tempo. Não é esta a fórmula divina. Para a soma dos destinos que se não dividem. Eu, filho. Tu, filho meu e tu e tu, sois três. Dai-vos uns aos outros, suplico. Não deixeis que a vida vos condene à alvorada morta de um sentir exangue.

Sempre desejei criar uma família grande. Se me perguntarem porquê, não saberei dizê-lo. Penso, e penso apenas, que por pouco mais ter que me enchesse o eco da insónia. Naturalmente, o homem percebe um dia que é tarde e nesse dia estão todas as mãos em que podia ter tocado. Nesse dia estão todas as marés e incisões na carne. Nesse dia estão todas as lembranças do dia seguinte, onde ocorre o próprio dia pôr-se. Nesse dia é tarde. Tarde como nunca foi cedo estar aqui. É cedo estar aqui. Não vejo gente, só corpos. Nada oiço. Minto, calma, oiço. Tudo. A voz de nós à mesa, a velha ainda nova que reza e eu com fome. As miúdas que arrumem a cozinha, preciso dos rapazes para levar os sacos para os primos. Os miúdos que levem

os sacos para os primos. A nova já velha que lava o chão com a ponta gasta de uma quase aquilo a que se chama algo de que não me lembro. Oiço. O branco nocturno que vem, vazio.

Já se pôs na cova a caixa, caixão. Caixinha dos sons que me embalavam. Há mãos nas pás que atiram terra, mãos que não pertencem à terra nem ao céu. Há mãos. E eu inspiro breve a claridade funda que sorrimos. Antes. De se nos ter acabado o mundo.

*E foi quando o teu cansaço. Mil vezes morrendo contendo. E foi quando. Foi quando o teu sorriso surgiu claro no nascer do meu olhar. E eu abri na noite uma estrada para o dia, dia que era noite, uma noite limpa e fria. De que tanto gostávamos ambos de percorrer.*

*Hoje há sobre nós uma nuvem carregada que já ontem lá estava e julgo que para amanhã se espere ainda a violência deste temporal. Que torna menos visível o que o era antes. Mas. Há algo em nós, humanos que nos suplanta. Sepulta. E eu olho e vejo o que via e vi e verei. E eu olho. Fechadas no inverno, as casas, as ruas, as luzes, as casas. Silenciando escuridões.*

*E foi quando o teu cansaço. Nos tomou sem ter visto que roubava meses e anos ao tempo que nos era. Sem ter visto embora tenha visto algo que nos não seria. E chovia, fazia calor dourado de luz e a chuva, a chuva lá estava.*

*E foi quando a minha morte intervalada.*

Ainda que irremediável fosse separarmo-nos, sangue vosso no meu sangue correria. Ainda que. Escutai-me. Eu não tenho coisa alguma que valha alguma coisa. Tudo o que vale é ter o que me falta. Apetece-me a queda sem amparo para dentro do silêncio que diz tudo.

O meu pai é um poeta. Não sei que quer dizer isso, mas sei que o é. Olhava-me há pouco e aos meus irmãos de rosto penetrante. E dele jorrava poesia. A minha irmã é tão pequena ainda. Perto de mim ou do meu irmão mais velho, é tão pequena ainda. Nada sabe acerca do que a traz hoje aos braços carregados de preto da minha mãe. Mãe que em luto a pega para que

não veja a partida. Mesmo que depois se lembre de, ao virá-la, lhe dizer diz adeus.

Tenho primos e tios. Para além dos meus pais e irmãos, tenho primos e tios e todos estamos aqui. Estamos aqui e connosco mais umas quantas pessoas que se dizem amigas, outras tantas que terão vindo para ver apenas. Talvez haja quem venha apenas para ver. O que não pode ser visto. Peguei no caixão. Eu, o meu irmão, o meu primo, o meu pai, o meu tio, o meu tio. Por que serão sempre homens a fazê-lo ou quase sempre, pergunto. Pela força, suponho, que a mais deveriam ter. Pegámos no caixão. Tem terra sobre ele agora, termina. Mais uma hora que encerra anos infindáveis.

Ontem fiz uma torrada e essa torrada parecia o sol, um pequeno sol na minha mão ao pequeno-almoço. Ontem acordei e quando quis lavar a cara, percebi que o meu irmão tinha mudado. Vinha ele sério em direcção ao nosso quarto e disse-me que estava pronto. Já não temo a morte. Disse-me ele isto – já não temo a morte. E eu soube que o que dizia era verdadeiro, pois assim falavam os seus olhos não mais adormecidos. A mãe ouviu-o e perguntou para que estava ele pronto, mas eu não. Eu soube tudo porque juntos estivemos lado a lado, aguardando que findasse a sua ida.

Quando a nossa avó foi subitamente sorvida pelo término da vida, meu irmão, meu jovem irmão, olhando-a pela última e julgo que única vez, tremeste. Perante a brutalidade desse frio que atravessa a carne. Foi há longos anos. Não muitos, mas longos. E desde então, não sei já quantas noites se passaram comigo tentando decifrar-te as palavras ausentes. O medo tão dentro de ti. Tão dentro que era quase impossível chegar-lhe. E agora. Dizes não senti-lo já. E sei que não o sentes, de facto. Porque houve um momento em que te viste dono de ti todo e encaraste a morte como aquilo que dá um sentido ao que a precede.

Ontem quando nos cruzámos no corredor tu eras outro e era dia. Eu ajeitava o quadro na parede e tu falavas. O pai dizia o meu pai morreu, sei que estiveram perto dele até que fosse levado para um qualquer canto do hospital e agora. É dia de ser velado. Quando nos cruzámos sob a porta, a tua mão tocou-me e a lágrima que havia não vinha do teu sofrimento. Só nós o vimos

lutando contra nada. Até que o levassem. E agora. Todos os suspiros me assassinam a vontade de chorar.

Hoje foi dia de enterrar a podridão e estar presente. Hoje, quando te vi pegar no caixão não pude senão sorrir porque sabia. Soube. Finalmente cresceste. Com o vagar das raízes que se espalham e se estendem para o céu intangível.

Os meus dois rapazes estavam com o meu sogro quando ele se agarrou ao peito e sufocando se deixou cair. Segundo sei, foi o mais velho que chamou a ambulância. O mais novo segurou na cabeça do avô enquanto este morria. Pensei que se fosse mostrar abalado. Sempre foi um miúdo sensível, estranhamente acabrunhado, cheio de pequenas fobias. Não disse nada. Nada poderia ter dito. É mudo. Ouve mas não fala, nunca falou. Talvez por isso continuemos a tê-lo como uma criança, uma eterna criança que esperneia e dança com as mãos quando quer de nós alguma coisa. Uma criança que grita ferozmente com os olhos e murmura com a pele.

Antes de morrer a minha sogra, era quase impossível tirá-lo de casa. Ao meu mais novo. Ir para a casa dos avós era a tortura. Depois, deixou de o ser. Gradualmente, foi dando um e outro passo até que se sentasse tranquilo, tranquilo na terra, com ela. Reunir a família era improvável. O meu marido costuma lamentar-se por isso. Quase nunca vê os irmãos. Quase nunca eles viam os pais, depois o pai só. Só. Até que o trouxemos para nossa casa. Até que também ele não mais resistiu.

E estamos agora todos aqui reunidos uma vez mais. Entre multidões desconhecidas que se arrastam funebremente. Estamos e muitos de nós não estarão embora pareça que sim. Muitos de nós pensam apenas na vontade imensa que têm de sair depressa. Pensam no conforto que os espera porque tudo lhes parece tão distante, eles não sabem. O que é ver a morte por dentro dela mesma e nos ossos de quem morre. Não sabem que me morro quando vejo um pobre desgraçado como aquele que, sem pernas, me pede comida todos os dias à porta de casa. Que me morro quando sei, e sei sempre, que o meu filho asfixia na mudez. E morro-me sempre que o sangue de alguém é derramado sob mim. Ouço. As trombetas do apocalipse.



Confesso que fiquei surpreendido quando hoje vi o meu primo pegar no caixão. Nas raras vezes em que estive com ele, pareceu-me até que seria um corpo imóvel. Cheguei a perguntar ao meu pai se o sobrinho da parte do irmão mais velho, o mais novo do irmão mais velho, seria, para além de mudo, paraplético. Disse-me que calar-me era o melhor que eu tinha a fazer. Não tenho culpa. Não gosto dele. Não gosto dos meus primos. De todas as pessoas que estiveram no funeral, conhecia apenas os meus pais e irmãos. Mal conheci o meu avô ou a minha avó ou os meus tios, mal conheço. Não me conheço. Mal conheço os meus pais ou irmãos, na verdade. Olho-os. Apenas.

É hora de jantar mas ninguém tem apetite. Dias de enterro são capazes de enrolar estômagos como mais nada o pode fazer. A minha irmã canta ao som da música que só ela ouve. É de noite, é hora de jantar e eis que mais alguém se senta connosco. Há mais alguém que ao nosso lado se senta, a minha irmã insiste. Canta, dança, pergunta de que cor são os anjos e o meu pai diz da que quiseres. O nosso convidado come. Ele é a consciência e a saudade, ele é a fome. Ele é a espera, a orfandade, a falta. A fome, a fome que se não sacia, ele é ausência. Silêncio. Sons. Ele é o peso que hoje nos esmaga porque todas as almas estão nele. Todas se deitam hoje sobre si e lhe dão tudo. Sentou-se ao nosso lado e talvez durma cá em casa. E mastiga calmamente enquanto ouço a minha irmã que pergunta se o avô foi para o céu. O meu pai diz-lhe que o inferno é na terra e o paraíso também. E eu que nunca concordo com ele digo Amén.

*E foi quando a minha morte intervalada. Tomou enfim os meus braços no seu seio e o seu tempo foi o tempo todo, sem pausas. Sem intervalo.*

*Tantas foram as vezes em que querendo falar-te não pude e então escrevia, mas tu nunca leste. Ouvia-te dizer que era urgente mudar mentalidades, rir de outras alturas e chorar só quando a seca não mais permitisse à terra a fertilidade. Ouvia-te dizer mundos que se empurravam e cada teu gesto, cada tua palavra. E desejava eu ardentemente matar e roubar vozes a fim de, condensando-as num grito, chamar-te. Teu nome, o teu nome*

*gotejando gota a gota, eu o gritando, depois mais baixo ao teu ouvindo, o teu nome. Sempre ele como um reflexo de mim, um refluxo da minha alma. O teu nome, único que pode ser lembrado porque eras tudo. E nele se punha o que te define pois entre tantos, tantas, tu eras a única.*

*Tantas horas, noites, tantos dias sucumbi à força do que não dizia. Pois tão difícil é falar, mas mais ainda. Tomar o meu lugar sem que pudesse senão crivar papéis na minha carne. Carne que é nada mais que uma gargalhada triste da Natureza. Quis ser escritor mas não tive as letras. As sílabas foram a distância. Que não pude, no entanto, deixar de querer.*

*Se as pessoas soubessem o quanto me dói não deixar nada meu para além de lembranças nos que me são próximos. E tão vagas, tão moles, tão inconstantes.*

*Serei. Finalmente dono do que represento. Porque o teu cansaço derrubou-me as forças para não mais ser.*

Dizem que uma desgraça nunca vem só. Que não há duas sem três, mas já lá vão quatro. Há uns anos morreu a minha mãe e todos nos reunimos pela primeira vez em muito tempo. Depois, foi vez do funeral do meu sobrinho que estava doente. Sobrinho por afinidade, mas ainda assim sobrinho. Filho de uma irmã do meu marido, eu sempre gostei muito do menino. A semana passada, vimo-nos de novo em exéquias por causa do velho. Hoje e mais uma vez recebemos a notícia de outra morte. O meu marido estareceu. Os meus rapazes ficaram muito calados e fecharam-se no quarto. A miúda sujou-me toda com a sopa, alheia à minha surpresa. É sempre chocante saber que um jovem, um jovem que só na juventude deveria ter parte da vida, se mata.

O mais novo do meu cunhado, do irmão mais velho do meu homem, matou-se. Rasgou com uma faca os braços em todo o comprimento. Deixou que o sangue cobrisse a tijoleira como um mar vermelho, um mar que deus não pode abrir, só o demónio, mas esse estava-lhe nos dedos. Deixou, junto dos muitos papéis em que ia escrevinhando, escrito. Que esta dor em mim não seja mais que um grito, um fio de voz ao menos, que este aperto me seja o berro entalado no peito. Que possa eu ouvir-me enquanto existo. Que eu possa porque eu tenho. Vontades enormes nas veias.

Ao que parece, ele sofria. Gostava muito de uma moça que até se dava bem com ele, mas nunca o quis para mais que um amigo pois era-lhe difícil percebê-lo. Cansativo. Logo agora que o miúdo até saía mais e corria para a antiga casa dos avós, satisfeito. Ao que parece, temos em nós sentires cuja memória é escassa e por um fio pendemos a vida.

*Sim sei, durmo. Sim, sei, toda eu sou sono. Quando o meu cansaço. Te tombou esqueleto e carne e pele e pêlo e tudo. Adormeci. Profunda, profundamente e mente, mente-me o que vejo dentro e diante, o espelho. Tu foste. O espaço onde o som não se propaga mas sente. O espelho. Quebrado pelas mãos que nunca tive nem me deram. Fez-se tarde o tempo. E quando me colheram. Já eu tinha murchado há muito. Não me sou nem sei, só sei que durmo.*

*Para sempre.*

*Adormeci. Contigo e em ti.*